

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MONOGRAFIA II

Luís Eduardo Zorzi

Doença Holandesa e Desindustrialização no Brasil

PASSO FUNDO

2016

LUIS EDUARDO ZORZI

DESINDUSTRIALIZAÇÃO E DOENÇA HOLANDESA NO BRASIL

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade de Passo Fundo, Campus Passo Fundo, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Fritz Filho

PASSO FUNDO

2016

LUIS EDUARDO ZORZI

DESINDUSTRIALIZAÇÃO E DOENÇA HOLANDESA NO BRASIL

Monografia Aprovada em ____ de
_____ de _____, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas da
Universidade de Passo Fundo, pela banca
examinadora formada pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Fernando Fritz Filho
UPF (Orientador)

Prof. Dr. Marco Antonio Montoya Rodriguez
UPF

Prof. Esp. Avelino Marcos Guarienti
UPF

PASSO FUNDO

2016

AGRADECIMENTOS

“Para todos que contribuíram de uma forma ou de outra para que eu chegasse até aqui.”

RESUMO

ZORZI, Luis Eduardo. **Doença Holandesa e Desindustrialização no Brasil**. Passo Fundo, 2016. 25 f. Monografia (Curso de Ciências Econômicas) UPF, 2016.

Os fracos indicadores de desempenho da indústria de transformação do Brasil levaram muitos estudiosos a afirmar que o país foi afetado pela Doença Holandesa, fazendo com que o mesmo passe por um processo de desindustrialização. A análise de dados como PIB do setor industrial e PIB setorial, além de um estudo feito tendo como base a opinião de especialistas no assunto mostra que o Brasil vem sendo afetado pela Doença Holandesa, que acaba por ocasionar um processo de desindustrialização que deve ser estancado, pois a indústria é um setor dinâmico e de grande importância dentro da economia do país.

Palavras-Chaves: Doença Holandesa, Desindustrialização, Indústria.

ABSTRACT

ZORZI, Luis Eduardo. **Dutch Disease and Deindustrialization in Brazil**. Passo Fundo, 2016. 25 f. Monograph (Course of Economic Sciences) UPF, 2016.

The poor performance indicators of the Brazilian manufacturing industry have led many scholars to say that the country was affected by the Dutch disease, causing the country to go through a process of deindustrialization. The analysis of data such as GDP of the industrial sector and sector GDP, besides a study made based on the opinion of experts in the subject shows that Brazil has been affected by the Dutch Disease, which has been causing a process of deindustrialization that must be stalled, Because industry is a sector of great importance within the economy of the country.

Keywords: Dutch Disease, Deindustrialization, Industry.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	07
2.OBJETIVOS DO ESTUDO.....	09
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3.1 Conceito de indústria, desindustrialização e Doença Holandesa.....	10
3.1.1 Indústria.....	10
3.1.2 Desindustrialização e Doença Holandesa.....	11
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	17
5.1 Desindustrialização e Doença Holandesa no Brasil	17
5.2 Resultados	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7 REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os debates sobre a desindustrialização no Brasil vêm sendo cada vez mais frequentes. Primeiramente, no início dos anos 1990, após a abertura comercial do país, tornando mais fácil a importação de produtos industrializados, fez com que o assunto viesse à tona, devido a esse processo ter aumentado fortemente as importações de produtos advindos da indústria manufatureira, diminuindo assim a produção interna. Poucos anos após, com a implantação do Plano Real, o mesmo fenômeno ocorreu, devido a uma valorização cambial do Real para com o Dólar. E mais recentemente, o tema volta a vir à tona, desta vez, devido ao observar-se os fracos resultados no desempenho da indústria de transformação em sua participação no PIB.

Muitos especialistas, como Oreiro e Feijó (2010) sugerem que desde a década de 1980 o Brasil vem passando por um processo de desindustrialização, ou sofrendo a chamada “Doença Holandesa”, devido a uma menor taxa de participação da indústria na formação do PIB (Produto Interno Bruto) do país e menor oferta de empregos no setor. Outros autores como Squeff (2012), acreditam que a menor participação da indústria no PIB e nos empregos gerados na economia não reflete em um processo de desindustrialização, mas sim em um processo de modernização do setor industrial, onde os trabalhadores passariam para outros setores também em crescimento, como o de serviços.

Sendo a indústria um dos setores que mais agrega valor ao país devido aos seus retornos crescentes de escala (THIRWALL, 2002), e também promotora de uma série de transformações estruturais que podem fazer com que seja superada a barreira do subdesenvolvimento (FURTADO, 1961) é muito importante que se tenha certeza de que o processo de desindustrialização estaria ocorrendo, pois, o mesmo seria de uma dimensão possivelmente desastrosa para o Brasil.

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram uma real diminuição da participação da indústria de transformação no PIB, onde observam-se o pico de 35,88% de participação da indústria no PIB de 1985, e uma grande queda, chegando a atingir apenas 12,95% no ano de 2012. Outro ponto importante a observar-se, é a redução da participação da indústria no PIB após o Plano Real, o qual proporcionou uma fortíssima valorização da moeda nacional perante ao Dólar,

que combinada a maior abertura das fronteiras para importações e exportações de anos antes, fez com que se tornasse muito mais fácil, barato e vantajoso importar determinados produtos manufaturados do que produzi-los internamente. Essa redução no PIB da indústria de 26,79% em 1994 para 18,62% em 1995 é a mais gritante de um ano para outro.

Ao analisar-se os dados do PIB Industrial na participação do PIB total do país, e observar-se o contexto histórico, além das opiniões diferentes por parte dos especialistas no tema, fica iminente a pergunta: este processo de desindustrialização estaria ocorrendo? Ou seria esse processo uma modernização do setor industrial e o crescimento de outros setores da economia?

Antes de ser feita a análise dos dados quantitativos, é necessário conceituar desindustrialização e Doença Holandesa, o que é tratado no primeiro capítulo da revisão de literatura. Enquanto o segundo, aborda a ocorrência dos fenômenos no Brasil, tomando diferentes opiniões de especialistas, além da análise de dados quantitativos.

2 OBJETIVOS DO ESTUDO

a) Geral

O presente trabalho tem por objetivo, primeiramente, verificar se o Brasil foi afetado pela Doença Holandesa, e se vem passando por um processo de desindustrialização no período dos 1990 até os dias atuais.

b) específicos

- Caracterizar os processos de desindustrialização brasileiro;
- Avaliara a dimensão econômica desse processo para o Brasil;
- Identificar os principais fatores que teriam contribuído para a evolução desse processo no país.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura busca detalhar os conceitos de indústria, Desindustrialização e Doença Holandesa, bem como apontar se os fenômenos vêm ocorrendo no Brasil. Com isso, o capítulo divide-se em duas partes: na primeira (item 3.1) desenvolve-se os conceitos, as consequências e exemplos da ocorrência dos dois fenômenos, utilizando uma pesquisa bibliográfica, e em seguida na segunda parte (item 3.2), a demonstração das opiniões dos especialistas no assunto também através de uma pesquisa bibliográfica, além da análise de dados empíricos, como PIB Setorial e PIB da indústria de transformação.

3.1 Conceito de indústria, desindustrialização e Doença Holandesa

3.1.1 Indústria

Indústria é uma atividade econômica, surgida na Inglaterra por volta do final do século XVIII, com a Revolução Industrial. A finalidade da indústria consiste em transformar a matéria prima em bens manufaturados e comercializáveis, agregando valor nas etapas da cadeia produtiva, usando máquinas, força humana, e diversas fontes de energia.

A indústria vem se modernizando ao longo dos anos, passando por diversas fases. No início, principalmente na Inglaterra, o uso do carvão como combustível para as máquinas a vapor e a mão-de-obra desqualificada eram as principais características.

A fase seguinte já busca por maior eficiência produtiva, além de novas fontes de energia, como dito por Castro (2014)

As pesquisas em energia a partir do petróleo e o domínio da eletricidade dão início à segunda fase da indústria, tendo os veículos automotores e a telecomunicação como representante de sua era, trazendo o desenvolvimento das grandes cidades e a busca pela maior eficiência da produção com redução dos custos, como por exemplo o fordismo. CASTRO (2014)

A terceira fase fica caracterizada pelo grande avanço da tecnologia, informática e telecomunicações, possibilitando a globalização. As cadeias produtivas podem ser separadas entre diversos países, buscando eficiência e redução de custos. Como citado por Castro (2014) os polos industriais e tecnológicos não se localizam mais onde está a matéria-prima, mas sim, onde há centros de pesquisa, universidades, e mão-de-obra qualificada que possibilitem o avanço tecnológico.

A indústria desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social, devido a sua capacidade de multiplicação, agregar valor e os impactos diretos e indiretos. Além disso, os avanços tecnológicos que a mesma proporciona são importantes para o desenvolvimento.

Com o avanço da indústria, abre-se espaço para a urbanização e crescimento das grandes cidades. Isso fez com que surgisse uma nova demanda na economia por comércio e serviços. Segundo Castro (2014) “Essa nova economia progressivamente irá absorver a mão de obra e o setor industrial, deixando de ser o principal gerador de empregos. Porém, mesmo após o equilíbrio entre os setores, a indústria é a responsável pelos avanços tecnológicos que geram os rendimentos crescentes de escala.”

3.1.2 Desindustrialização e Doença Holandesa

O foco do presente trabalho é sobre a desindustrialização principalmente na indústria de transformação, pois a mesma é de grande importância devido a sua capacidade de agregar valor e potencial tecnológico, diferindo-a das indústrias agropecuária, de mineração e extrativista, que apesar de muito importantes dentro de uma dinâmica mundial, são distintas da indústria de manufaturados.

O conceito clássico de "desindustrialização" foi definido por Rowthorn e Ramaswamy (1999) como sendo “uma redução persistente da participação do emprego industrial no emprego total de um país ou região.” Portanto, segundo este conceito, desindustrialização seria quando a indústria apresenta menor participação na economia do país, como por exemplo, menor participação do PIB total. Um conceito

mais restrito, seria a menor oferta de empregos no setor industrial comparado aos outros setores da economia.

Outro conceito que se encaixa dentro de desindustrialização é o da “Doença Holandesa” que foi observado na década de 60 nos Países Baixos, onde a descoberta de reservas de gás natural fez com que a moeda local fosse valorizada, reduzindo muito as exportações e aumentando as importações, fazendo com que a indústria manufatureira local sofresse muito, o que resultou em uma ameaça de destruição total da indústria do país.

Resumindo a literatura sobre a doença holandesa explicam-na por referência a um choque de riqueza no setor de recursos naturais, que cria um excesso de demanda no setor de bens não comercializáveis, implicando uma mudança nos preços relativos. A taxa de câmbio valorizada é definida pela mudança nos preços relativos que favorece os bens não comercializáveis. (BRESSER-PEREIRA; MARCONI; OREIRO, 2009)

Ainda sobre Doença Holandesa, Bresser-Pereira, Marconi e Oreiro (2009), a definem como uma falha de mercado, que gera impactos negativos em diversos setores da economia, não somente no industrial.

A doença holandesa é a crônica sobreapreciação da taxa de câmbio de um país causada pela exploração de recursos abundantes e baratos, cuja produção e exportação é compatível com uma taxa de câmbio claramente mais apreciada que a taxa de câmbio que torna competitivas internacionalmente as demais empresas de bens comercializáveis que usam a tecnologia mais moderna existente no mundo. É um fenômeno estrutural que cria obstáculos à industrialização ou, se tiver sido neutralizada e o país se industrializou, mas, depois, deixou de sê-lo, provoca desindustrialização. (BRESSER-PEREIRA; MARCONI; OREIRO, 2009)

A ocorrência da Doença Holandesa é muito mais provável em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, uma vez que os mesmos geralmente são exportadores de bens primários de baixo valor agregado, como a extração de recursos naturais ou produtos agrícolas, que saem do país em uma forma ainda bruta, sendo

seu beneficiamento e transformação feito em outros países, que conseqüentemente agregam valor durante a cadeia produtiva e se beneficiam dos impactos diretos e indiretos e fortalecendo a sua indústria, deixando o país que exportou o recurso como um mero produtor de bens primários e impossibilitando um maior desenvolvimento de seu setor industrial. Isso ocorre devido a fatores como a falta de tecnologia no país produtor e também a falta da mão-de-obra barata e qualificada.

Um bom exemplo é o do minério de ferro, exportado pelo Brasil para a China de forma bruta, e que depois de transformado, volta para o país das mais diversas formas para ser usado, como na indústria automotiva, ou construção civil por exemplo. A mão-de-obra extremamente barata e abundante, e também a maior tecnologia para transformação do país asiático faz com que todo esse processo seja mais vantajoso financeiramente que se fosse todo feito internamente. (CASTRO, 2014)

No Brasil, a possível ocorrência da Doença Holandesa se daria ao fato de que o Plano Real exerceu uma fortíssima valorização da moeda nacional perante ao Dólar. Combinado a isso, a abertura comercial do país para exportações e importações, fez com que ficasse muito mais fácil e barato importar produtos industrializados, de valor agregado alto, que deixariam de ser produzidos internamente.

Muitas vezes, importar determinado produto era muito mais vantajoso, tanto em preço quanto qualidade, do que produzir o mesmo dentro do país. Além disso, as dimensões territoriais continentais do país, favorecendo as atividades do agronegócio, e a abundância de recursos naturais fazem com que o Brasil seja um dos maiores produtores e exportadores de *commodities* no mundo, quadro esse que juntamente com a categoria de desenvolvimento do país sendo de subdesenvolvido ou em desenvolvimento, acabam por tornar o Brasil em um país muito propício a ocorrência da Doença Holandesa.

Quanto as conseqüências da doença holandesa, deve-se levar em consideração o tamanho e o grau de industrialização já existente no país, como destacado acima. Também é importante levar em consideração que o encolhimento da indústria nacional abre espaço para que outros setores cresçam no país, como destaca Veríssimo (2010).

A consequência deste processo é a retração da produção/exportação de bens comercializáveis (manufaturados), fato que pode implicar na chamada “desindustrialização” das economias pela realocação de recursos produtivos dos setores industriais para os setores intensivos em recursos naturais, na medida em que se estes últimos se tornam relativamente mais rentáveis. (VERÍSSIMO, 2010)

A ocorrência da doença Holandesa ou da desindustrialização faz com que setores como o de serviços cresçam internamente, e também faz com que a exportação de bens primários como *commodities* aumentem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho se constitui num estudo sobre a economia da última década no Brasil, na qual muitos sugerem que estaria acontecendo um processo de desindustrialização, ou a ocorrência da chamada Doença Holandesa, assim como outros acham que o processo é apenas uma modernização da indústria. O principal objetivo do trabalho é responder a questão: O Brasil estaria realmente em um processo de Desindustrialização? E se caso sim, quais os motivos? Essas questões são de muita importância, devido a relevância da indústria na economia do país, por isso deve-se ter certeza caso o processo de desindustrialização esteja ocorrendo, para que se possa procurar medidas de pará-lo.

Levando em conta esses objetivos, os métodos de pesquisa aplicados são de uma pesquisa básica, que segundo Silva e Menezes (2005) “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa exploratória e a pesquisa explicativa mostraram-se as mais adequadas.

Pesquisa Exploratória: visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. (SILVA; MENEZES, 2005)

A pesquisa exploratória adequa-se mais ao estudo dos fatos históricos e análises técnicas, que será feito através de livros, artigos e periódicos buscando dar maior conhecimento do tema.

Pesquisa Explicativa: visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas. Quando realizada nas ciências naturais, requer o uso do método experimental, e nas ciências sociais requer o uso do método observacional. (SILVA; MENEZES, 2005)

A pesquisa explicativa serve para deixar claro os fatores que determinam a ocorrência das crises, através da observação dos dados e dos fatos.

Do ponto de vista técnico, a pesquisa será bibliográfica, que segundo Gil (1991) é usada “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.”

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Desindustrialização e Doença Holandesa no Brasil

Com a reforma monetária de 1994, o Brasil entrou em um período de maior estabilidade financeira, que teve por uma de suas consequências a valorização do Real perante o Dólar Americano, o que juntamente com a abertura para o comércio internacional que foi feita anos antes, fez com que a indústria nacional sofresse muito. Muitos autores que defendem a tese de que o país passa por um processo de desindustrialização definem a moeda nacional valorizada como fator preponderante para a ocorrência do processo de desindustrialização, fazendo com que o país seja um exportador principalmente de produtos primários, como explica Nassif (2008): “A moeda brasileira fortemente apreciada em relação ao dólar em termos reais modificou o padrão de especialização internacional, com maior concentração na pauta de exportações de produtos primários e industrializados intensivos em recursos naturais.”

Um dos fatores que devem ser levados em conta para esta análise, é a dimensão territorial e a grande quantidade de recursos naturais do Brasil, que seria fatores preponderantes para a ocorrência da Doença Holandesa, pois o grande território possibilita uma grande produção de *commodities* como soja e milho, que geralmente são exportados sem nenhuma transformação por parte da indústria nacional, fazendo com que seu valor agregado seja baixo, assim, o resultado é de uma participação apenas no setor agrícola, mas que poderia ter agregado valor ao PIB industrial.

A queda da participação da indústria no PIB é um dos principais argumentos dos que defendem a tese de que o Brasil está passando por um processo de desindustrialização (Oreiro 2010) (Bresser-Pereira 2009). Mas ao mesmo tempo, a queda na participação da indústria e o aumento na participação do setor de serviços no PIB faz com que os que não acreditam nessa hipótese argumentem que a indústria está passando por uma modernização, o que faz com que o setor de serviços absorva o excedente deixado por ela, como por exemplo os trabalhadores que seriam dispensados. (STRACK; AZEVEDO, 2012)

A seguir, observa-se uma figura de uma tabela com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostrando o PIB setorial de 2000 a 2015:

TABELA 1 – Participação % das atividades Econômicas no Valor Adicionado a Preços Básicos

Participação % das Atividades Econômicas no Valor Adicionado a Preços Básicos 

Especificação	2000	2005	2010	2011	2012	2013	2014 ⁽¹⁾	2015 ⁽¹⁾
Agropecuária	5,5	5,5	4,8	5,1	4,9	5,3	5,2	5,2
Indústria	26,7	28,5	27,4	27,2	26,1	24,9	24,0	22,7
Indústria Extrativa	1,4	3,1	3,3	4,4	4,5	4,2	3,8	2,1
Indústria de Transformação	15,3	17,4	15,0	13,9	12,6	12,3	11,7	11,4
Prod. e distrib. de eletricidade, gás, água, esgoto e limp.urb.	3,1	3,4	2,8	2,7	2,5	2,0	1,9	2,8
Construção	7,0	4,6	6,3	6,3	6,5	6,4	6,6	6,4
Serviços	67,7	66,0	67,8	67,7	69,0	69,8	70,8	72,0
Comércio	8,1	10,8	12,6	12,9	13,4	13,5	13,0	12,3
Transporte, armazenagem e correio	3,7	3,5	4,3	4,5	4,5	4,5	4,4	4,2
Serviços de informação	4,3	4,6	3,8	3,7	3,6	3,5	3,4	3,2
Intermed. financeira, seguros, prev. complem. e serv.rel.	6,8	7,1	6,8	6,3	6,2	5,9	6,5	7,6
Atividades imobiliárias	12,2	9,3	8,3	8,5	8,9	9,3	9,5	9,9
Outros Serviços	16,9	14,8	15,7	15,9	16,4	16,7	17,0	17,1
Adm., saúde e educação públicas e seguridade social	15,7	16,0	16,3	16,1	16,0	16,4	17,0	17,7
Valor adicionado a Preços Básicos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Impostos sobre Produtos	16,3	17,8	17,7	17,6	17,6	17,1	16,6	16,8
PIB a Preços de Mercado	116,3	117,8	117,7	117,6	117,6	117,1	116,6	116,8

Fonte: Ibge

Analisando a tabela, pode-se observar o decréscimo na participação do PIB, que segundo Oreiro (2010) é sinal da desindustrialização.

O desenvolvimento econômico é inerente à desindustrialização, podendo ser dividido em três fases, cada uma liderada por setores distintos. Na primeira fase, o setor primário toma as rédeas do crescimento, mas conforme sua produtividade aumenta o setor industrial tende a ganhar destaque, aumentando sua participação na renda em relação ao setor primário e terciário (segunda fase); na terceira fase do desenvolvimento o setor terciário ganha destaque, dando suporte à indústria e aumentando sua participação na renda, dado que em algum momento a participação dos serviços supera a participação da indústria no PIB. Esta terceira fase é o que se conhece

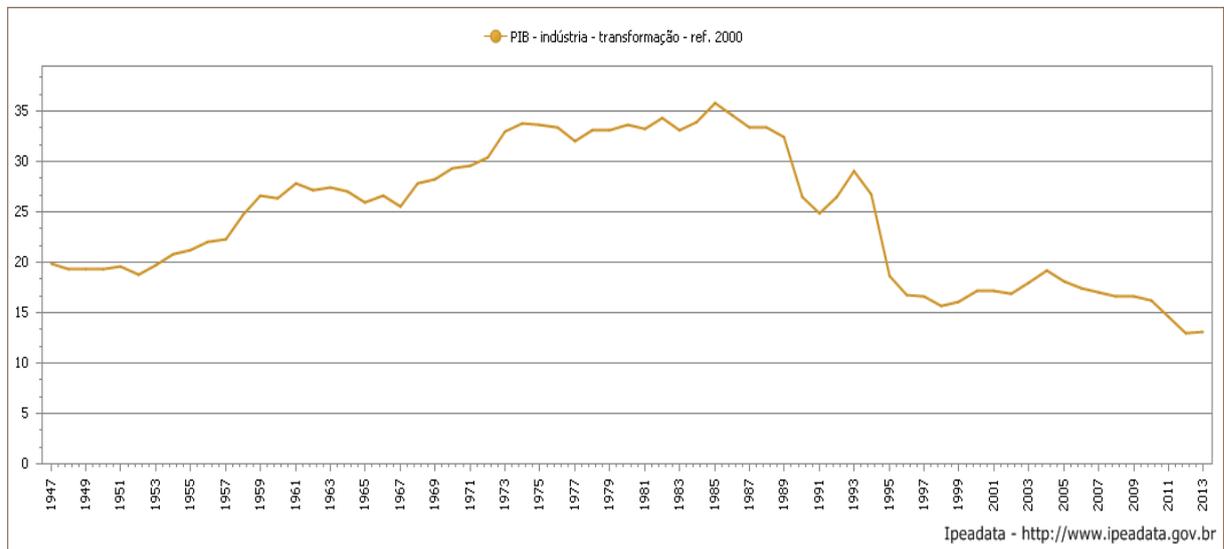
como desindustrialização. Todavia, espera-se que o país nessa situação possua uma estrutura produtiva moderna e diversificada, com produtividade relativamente alta e suficientemente para evitar problemas de balanço de pagamentos, além de uma renda per capita semelhante a dos países desenvolvidos. (SILVA, 2014)

Como foi citado por Silva (2014), o crescimento passa antes pelo setor primário, que leva ao desenvolvimento do setor industrial, que por sua vez, desempenha um papel importante na formação da renda do país.

Nassif (2008) coloca a doença holandesa no Brasil sob outra perspectiva, o qual afirma que o processo de desindustrialização poderia ter ocorrido pela via “natural”, onde a descoberta de recursos naturais é responsável pela desindustrialização em economias em estágios mais avançados, ou pelo processo da “nova doença holandesa”, caracterizado pelo abandono do antigo regime de substituição de importações e o retorno do padrão de especialização produtiva em recursos naturais, aliada às políticas de liberalização financeira e comercial. A conclusão do autor é de que o país já possuía uma forte perda da participação do setor industrial no PIB, a partir da metade da década de 1980, provocada por uma estagnação econômica e uma perda da produtividade do trabalho, isto é, antes da liberalização econômica ocorrida apenas na década de 1990. (STRACK; AZEVEDO, 2012)

Strack e Azevedo (2012) analisam Nassif, que é da opinião de que a doença Holandesa não estaria ocorrendo, mas sim, apenas a transformação no setor industrial. Um argumento para isso é o de que a queda nos valores do PIB já vinha ocorrendo antes da abertura comercial e valorização da moeda nacional nos anos 1990, portanto não seria reflexo destes fatores.

GRÁFICO 1 - Produto interno bruto (PIB) - indústria de transformação - referência 2000 (1947 – 2013)



Fonte: Ipea Data

O gráfico acima mostra o movimento da linha do PIB da indústria de transformação. Fica nítido e fácil de observar a queda da mesma a partir do início dos anos 1990.

Esse movimento é atribuído principalmente a abertura comercial feita neste período no país. Observa-se ainda, uma leve recuperação do PIB da indústria no início dos anos 2000, mas que logo volta a cair, chegando até 2012 no mais baixo valor da série histórica.

Tabela 2 - Produto interno bruto (PIB) - indústria de transformação - referência 2000
(1947 – 2013)

ANO	%
1980	33,70
1981	33,19
1982	34,35
1983	33,09
1984	33,90
1985	35,88
1986	34,66
1987	33,35
1988	33,42
1989	32,39
1990	26,54
1991	24,86
1992	26,43
1993	29,06
1994	26,79
1995	18,62
1996	16,80
1997	16,67
1998	15,72
1999	16,12
2000	17,22
2001	17,13
2002	16,85
2003	18,02
2004	19,22
2005	18,09
2006	17,37
2007	17,03
2008	16,63
2009	16,65
2010	16,23
2011	14,60
2012	12,95
2013	13,13

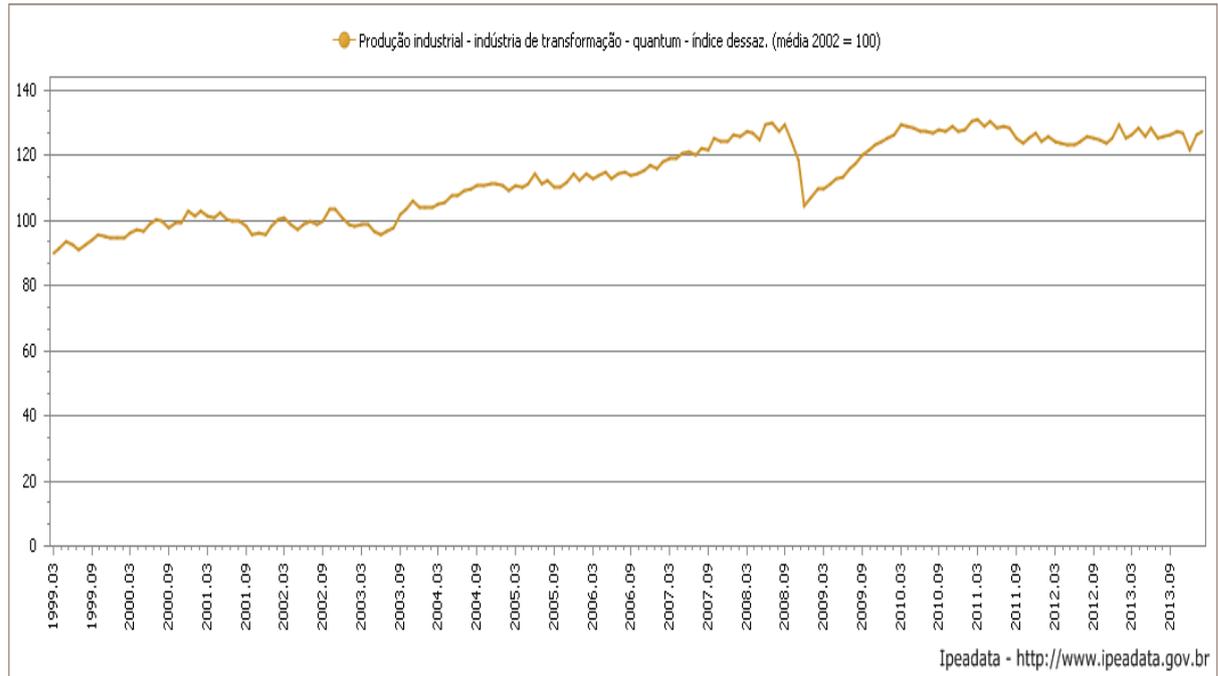
Fonte: Ipea data

A tabela mostra os mesmos dados de PIB do setor da Indústria de transformação, mas neste caso, observam-se os valores percentuais de cada ano a partir de 1980.

Na tabela, pode-se observar e comparar os dados ano a ano, como por exemplo, a forte queda de aproximadamente oito pontos percentuais do ano de 1994 para o ano de 1995. A expressiva queda deve-se principalmente à apreciação cambial proporcionada pelo Plano Real

Ao analisar-se os dados do PIB da indústria de transformação, poderia se dizer que o Brasil estaria num forte processo de desindustrialização. Mas só isso não basta. No gráfico abaixo, observa-se a produção da indústria de transformação entre 1999 e 2014 em dados mensais.

Gráfico 2 - Produção industrial da indústria de transformação, média 2002 (03/1999 – 02/2014)



O movimento da linha da produção industrial vinha em uma leve tendência de alta até o ano de 2008, onde teve uma forte depressão devido à crise internacional. Mas ainda no mesmo ano voltou a subir, e manteve-se estável até o início de 2014.

Ao ser feita esta análise, não se pode afirmar que o processo de desindustrialização estaria ocorrendo, devido a estabilidade que a indústria apresenta em sua produção total.

5.2 Resultados

O presente trabalho tinha como objetivo principal verificar se o Brasil foi afetado pela Doença Holandesa e se isso ocasionou um processo de desindustrialização a partir dos anos 1990.

Tendo sido feita uma revisão bibliográfica sobre o tema, com base na opinião de diversos estudiosos no assunto, pode-se afirmar que o Brasil foi afetado pela Doença Holandesa. A afirmativa pode ser feita com base na análise dos dados, que mostram uma evidente queda na participação da indústria no PIB total do país, além do próprio PIB da indústria de transformação apresentar uma queda evidente ao longo dos anos, já são fortes indicadores da ocorrência da Doença Holandesa.

O contexto histórico do Brasil, além das políticas cambiais e políticas para com o mercado internacional também foram preponderantes para a construção do cenário que fez com que o país fosse atingido por essa falha de mercado. A pauta de exportações baseada em produtos de baixo valor agregado, assim como as exportações dos mesmos ser mais vantajosa que a produção interna, fez com que a indústria nacional fosse afetada negativamente.

Quanto a desindustrialização, a mesma é uma consequência da Doença Holandesa. Para alguns especialistas, ela estaria ocorrendo devido aos indicadores da mesma estarem em queda, enquanto para outros, a queda desses indicadores mostra um processo de modernização da indústria, e a absorção desse déficit no setor por outros setores da economia, como o de serviços.

Portanto, pode-se afirmar que o processo de desindustrialização no Brasil é algo que está prestes a ocorrer com mais força. Por enquanto, a indústria está num

momento de estagnação. A doença Holandesa que afeta o país impede que o setor se desenvolva como deveria.

Quanto aos objetivos específicos, a caracterização do processo de desindustrialização brasileiro, a dimensão econômica do processo e os fatores que contribuíram para o mesmo, ficam evidenciados através da revisão bibliográfica.

O processo caracteriza-se por um enfraquecimento da indústria e por não conseguir fazer frente a de outros países. Dizer que o país está desindustrializando-se pode ser precipitado, mas é evidente a incapacidade de desenvolvimento do setor industrial, devido ao enorme potencial que o Brasil apresenta.

A dimensão do processo de desindustrialização na economia é gigantesca. A indústria é um dos setores-chave para o desenvolvimento econômico, social e tecnológico de qualquer nação. A Doença Holandesa faz com que a indústria nacional perca força perante as demais economias do mundo, o que ocasiona um entrave no crescimento da nação.

Os principais fatores que contribuíram para a ocorrência dos processos foram a pauta de exportações baseada em produtos de pouco valor agregado, que impossibilitam o desenvolvimento de uma indústria manufatureira pois os mesmos não passam por ela, além da excessiva valorização cambial em alguns anos, altas taxas de juros, estrutura tributária elevada e cumulativa, problemas de infraestrutura, excesso de burocracia, acumulação insuficiente de poupança, educação formal insuficiente e baixa qualificação da mão de obra.

Portanto, ao analisar-se os objetivos do estudo e seus resultados, conclui-se que a falha de mercado da Doença Holandesa se manifesta no Brasil de uma forma que vem prejudicando a indústria fortemente, deixando aberta a possibilidade de uma desindustrialização mais evidente.

Qualquer governo deve ter como prioridade estudar o caso e buscar através de políticas em diversos campos, um meio de estancar os efeitos da Doença Holandesa e impedir que ocorra uma desindustrialização que chegue a um ponto catastrófico, tanto no campo econômico, quanto social do país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o presente trabalho, pode-se afirmar com base nos dados levantados, e na opinião dos especialistas citados, que o Brasil é um país afetado pela Doença Holandesa, sendo esse o principal motivo para a ocorrência da desindustrialização.

A pauta de exportações baseada em produtos de pouco valor agregado, que praticamente não passam pela indústria nacional, além da excessiva valorização cambial em alguns anos, altas taxas de juros, estrutura tributária elevada e cumulativa, problemas de infraestrutura, excesso de burocracia, acumulação insuficiente de poupança, educação formal insuficiente e baixa qualificação da mão de obra seriam outros motivos que impactam diretamente no fraco desenvolvimento da indústria nacional.

Os pontos citados têm uma alta relação entre si. Uma vez que a exportação de bens primários que não passam pela indústria manufatureira impossibilita os ganhos e desenvolvimento da mesma.

Altas taxas de juros implicam em uma valorização cambial, a carga tributária alta aumenta os custos de produção, além de fazer com que os salários sejam menores, dificultando a qualificação da mão-de-obra.

Problemas na infraestrutura do país e a burocracia impedem a dinâmica e o desenvolvimento do setor. Falta de investimentos em tecnologia, políticas de desenvolvimento, e a falta de estímulo ao potencial e recursos do país dificultam uma renovação da renovação da indústria.

Impedir o avanço do processo de desindustrialização, além de estancar os efeitos da Doença Holandesa, devem ser prioridades de qualquer governo. Políticas de longo prazo e incentivo a indústria nacional, além de maiores estímulos para que o enorme potencial do país seja explorado são alguns dos primeiros passos que devem ser dados para que a indústria possa agregar valor internamente, possibilitando seu desenvolvimento e impedindo que ocorra um retrocesso econômico e social no Brasil.

7 REFERÊNCIAS

BACHA, Edmar; BOLLE, Monica Baumgarten de. **O Futuro da Indústria no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 418 p.

FURTADO, João. **Muito além da especialização regressiva e da doença holandesa: oportunidades para o desenvolvimento brasileiro**. Novos Estudos - Cebrap, [s.l.], n. 81, p.33-46, jul. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-33002008000200005>.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser; MARCONI, Nelson. **EXISTE DOENÇA HOLANDESA NO BRASIL?** 2012. 21 f. Forum de Economia Fgv, Fgv, São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.14.Existe.doença.holandesa.com Nelson.Marconi.5.4.08.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.14.Existe.doenca.holandesa.com%20Nelson.Marconi.5.4.08.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2016.

CARVALHO, Veridiana Ramos da Silva; LIMA, Gilberto Tadeu. **Estrutura produtiva, restrição externa e crescimento econômico: a experiência brasileira**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 1, n. 18, p.31-60, abr. 2009. Mensal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v18n1/02.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.

CASTRO, Leonardo Rocha de. **Desindustrialização no Brasil**. 2014. 45 f. Monografia - Curso de Geografia, Unb, Brasília, 2014.

VERÍSSIMO, Michele Polline. **DOENÇA HOLANDESA NO BRASIL: ENSAIOS SOBRE TAXA DE CÂMBIO, PERFIL EXPORTADOR, DESINDUSTRIALIZAÇÃO E CRESCIMENTO ECONÔMICO**. 2010. 208 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <http://www.portal.ie.ufu.br/doutorado/ie_teses/2010/1.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; MARCONI, Nelson; OREIRO, José Luís. **Doença holandesa**. Londres: Routledge, 2009. 27 p. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers-cursos/cap.5-dutchdisease.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

STRACK, Diego; AZEVEDO, André Filipe Zago de. A DOENÇA HOLANDESA NO BRASIL: SINTOMAS E EFEITOS. **Revista Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 24, n. 2, p.68-92, jul. 2012. Semestral.

NASSIF, André. **Há evidências de desindustrialização no Brasil?** Rev. Econ. Polit., São Paulo, v. 28, n. 1, jan-mar. 2008. Trimestral.

SILVA, José Alderir. **A Questão da Desindustrialização no Brasil**. Revista Economia & Tecnologia, Curitiba, v. 10, n. 1, p.45-75, jan-MAR. 2014. Trimestral.

OREIRO, J. L.; FEIJÓ, C. A. **Desindustrialização: Conceituação, Causas, Efeitos e o Caso Brasileiro**. Revista de Economia Política, Vol. 30, nº. 2, Abr-Jun, 2010.

ROWTHORN, R; RAMASWANY, R. **Growth, trade and de-industrialization**. IMF StaffPapers, v. 46, n. 1, 1999.

THIRLWALL, A. P. “**A Natureza do Crescimento Econômico: um referencial alternativo para compreender o desempenho das nações**”. Brasília: IPEA, 2005.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: Ufsc, 2005. 129 p. Disponível em: <https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf>. Acesso em: 14 maio 2016.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.